

# Revista Posição

## OS VERDADEIROS DONOS DO MUNDO (OS LABIRINTOS DA MISÉRIA)

**Sérgio Ricardo Ribeiro Lima**

Professor do Departamento de  
Ciências Econômicas da  
Universidade Estadual de Santa  
Cruz – UESC.

Não há mais surpresa em nada. Tudo parece normal. A revista Superinteressante, em sua edição de dezembro de 2014, publicou uma matéria de capa de página cujo título é *Os Verdadeiros Donos do Mundo*, onde, baseada em levantamentos empíricos, constatou que as 67 pessoas mais ricas do mundo acumularam uma fortuna equivalente às 3,5 bilhões de pessoas mais pobres em plena crise econômica, ou seja, a “riqueza” de 67 pessoas se iguala à renda total da metade da população pobre do planeta.

Como diz o próprio nome da revista, isto foi publicado porque é interessante. O que é interessante soa aos nossos olhos e ouvidos como novidade. Novidade não é, pois vem de um processo histórico da lógica e da natureza desse sistema. Acredito que esteja muito mais para escandaloso e incômodo do que para interessante. Há uma conformação e aceitação social disto que ao felicitar um, empobrece o outro.

O início da matéria traz logo um sentido contrastante: não existe o rico sem que haja o pobre, ou, em outras palavras, não existe pobreza em si, ou ainda, se a pobreza é uma questão individual e, portanto, moral, como pensava o economista político Thomas Robert Malthus<sup>1</sup>, ao afirmar que a pobreza é fruto do desregramento

<sup>1</sup> *Ensaio Sobre a População*, 1798.

moral do indivíduo que o leva ao vício e, por consequência, à miséria, e estes males, para este pensador, geralmente acometem os trabalhadores.

A riqueza e a pobreza foram conceitos criados para respaldar a forma de produção e de distribuição dos bens que atendem necessidades humanas materiais. Portanto, riqueza é abundância; pobreza é carência.

A matéria remete ainda ao fato de que deste o estouro da crise econômica mundial, em 2008, o número de bilionários dobrou. Na verdade, não houve, teoricamente falando, concentração da riqueza neste momento particular, mas uma centralização mediante redivisão da riqueza já existente<sup>2</sup>.

Thomas Piketty, em seu livro *O Capital no Século XXI*, traz o diagnóstico do avanço da desigualdade ao afirmar que o contraste entre ricos e pobres não é em vão, mas provém da diferença entre o capital e o trabalho. Marx já demonstrou isto em sua obra *O Capital*, no século XIX. A diferença é que Marx não teve à sua época métodos estatísticos avançados de comprovação para chegar a esta conclusão, mas por meio do método histórico e dialético. Mas previu por meio de sua arguta e genial lucidez intelectual esse diagnóstico contrastante do capitalismo, que resumiu no capítulo XXIII, do livro primeiro, *A Lei Geral da Acumulação Capitalista*. Ele sintetiza esse contraste atual nas seguintes passagens:

(...) à medida que se acumula capital, a situação do trabalhador, qualquer que seja o seu pagamento, alto ou baixo, tem de piorar. Ela – a lei – ocasiona uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital. A acumulação de riqueza num polo é, portanto, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, tormento de trabalho, escravidão, ignorância, brutalização e degradação moral no polo oposto (...).

O termo “ao mesmo tempo” traz um significado especial, pois é justamente o contraste, ou melhor, um fenômeno não acontece isolado. Na linguagem marxista, isto se chama dialética da relação entre capital e trabalho. Nesta passagem Marx inverte a

---

<sup>2</sup> A concentração do capital (riqueza) diz respeito à expansão horizontal da produção e da riqueza em momentos de crescimento da economia; a centralização do capital (riqueza) diz respeito à redistribuição da riqueza já existente, particularmente em momentos de crise. Portanto, o cenário deste fenômeno se assemelha mais à centralização que à concentração; mas a existência de um não exclui o outro.

## Revista Posição

ideia de Malthus acerca da moral que, enquanto para este é um princípio inerente ao trabalhador, para Marx a degradação moral é fruto da espoliação sofrida e vivenciada por este na sua relação com o capital. Capital e trabalho produzem a riqueza, mas dividem desproporcionalmente. Não por serem diferentes, mas pelo fato desta distribuição ser conflituosa (conflito de classes). Argumentar que o capital se multiplica enquanto o trabalho não, não explica a questão. Aqueles que produzem a riqueza – material – através do seu trabalho, transferem a maior parte para os donos do capital, recebendo em troca um salário. O capital se multiplica, mas através do trabalho e, na atualidade, não impede que o capital se multiplique através das formas fictícias (financeiro-especulativas). O salário, como remuneração do trabalho, não se multiplica, estagna. A economia e o sistema como um todo entram em crise; aqueles que os levaram à crise, não. Ao contrário, os ricos especuladores arruinam a economia e a sociedade. A história e os fatos estão aí para vermos.

Se a tendência deste sistema tem sido a acumulação, a concentração e a centralização da riqueza<sup>3</sup> – conforme tem mostrado a matéria e os estudos econômico-sociológicos – em momentos de auge e de crise, é devido, antes de tudo, não à diferença entre capital e trabalho, mas a um princípio moral natural do ser humano: o egoísmo e seu desdobramento, o individualismo. A Economia não é a ciência da riqueza, mas, antes, uma ciência do comportamento humano, como bem assimilaram Adam Smith, Alfred Marshal, John Maynard Keynes e Karl Marx.

---

<sup>3</sup> Acumulação, concentração e centralização são processos históricos evolutivos do modo de produção capitalista.